

Os gritos da Terra e dos Pobres

Um poema que brota da Esperança invisível

To the friends of the WFTL 2026

Há momentos em que renasce a Esperança.
Não de modo visível, palpável, reluzente.
A Esperança que liberta não tem holofotes
Ou as luzes dos shows bilionários.
Ela brota do chão, do canto, da dança, no escondido da vida.
São dias que não se pode esquecer ou menosprezar.
São momentos de inspiração e revolução.

Chegamos em Cotonou au Benin depois de longas viagens.
Um povo alegre e receptivo nos acolheu,
Nos alimentou, nos questionou
Desde sua história e tradições milenares,
De seus mitos criadores e sábias narrativas.

Quando vimos o Portal dos Escravos
Na praia do Atlântico, em Ouidah,
Foi impossível não fazer memória de quem
Atravessou o Portal sem retorno.
Milhares de seres humanos acorrentados,
Desterritorializados,
A serviço de uma máquina mortal.
Muitíssimos sem mesmo chegar ao novo Porto
No outro lado do Atlântico Negro,
Desgraçados, sem vez e sem voz,
Corpos desumanizados, manietados,
Moeda descartável, mas valiosa.

E, no entanto, o que vimos e ouvimos nos encheu de emoção,
De solidariedade, de ousadia para levantar um grito, muitos gritos,
E nossas mãos, mentes, espíritos e visões.

Um Fórum de Teologia e Libertação
Não é para iniciantes, ele questiona em profundidade
Nossas racionalidades, nossos projetos de vida,
Comunidades de fé e nação,
Nossas espiritualidades, nossa pequena fé na Vida e na História.

Por isso ousamos transitar por palavra e gesto,
Abrindo ouvidos e coração ao outro no Outro.
A Água da Vida correu de mãos criadoras,
Um pandeiro nos fez dançar, balançar corpo e espírito.

Um gesto de partilha se fez Pão de cada dia,
Debate livre, decolonial por escolha,
E no horizonte, a Libertação como cantus firmus,
A Esperança a se insinuar sem que se perceba,
Nas brechas da História, nos entrelugares de Bhabha,
Nas crianças que não cansam de brincar e sorrir,
Sonhar, dançar, lutar por dignidade, educação e espaço.

O planeta geme, a terra grita, explode em muitos lugares.
Quem a escuta, quem a reverencia honestamente?
A guerra como instrumento, o Império a estender seu garrote
Sobres povos, territórios e riquezas,
Explicitamente, perversamente,
Desconhecendo limites para o seu necropoder (Mbembe).

Ele esquece que a iniquidade jamais é absoluta
E a revolta nunca pode ser extinta
Por decreto, armas ou arrogância.

Que palavra, que sonho nos resta diante
Do que nosso tempo nos coloca como desafio crucial?
A nossa crux theologica dos dias que correm
Como um anjo cujas asas parecem cobrir tempo e horizonte?
Não sabemos exatamente, tateamos como em tempos sombrios,
Sem a luz que pretensamente ilumina,
Mas cujos vislumbres se pode esperar ao raiar do novo dia.
E mesmo impotentes, arriscamos!

Ah, não nos proíbam de escutar e falar,
De partilhar visões, antigas e novas,
Que nos legaram nossos ancestrais!

Num mundo de incertezas cruéis,
De violências inimagináveis,
Nos subterrâneos da história e da nossa vida,
Uma chispa de esperança se insinua
Como uma cobra ou um verme
A destronar os poderosos.

Ela vem, mesmo com a frágil potência do Amor,
Da Compaixão, da Solidariedade sem fronteiras,
Da frágil Paz que vem unida à Justiça.

Eis o que podemos levar, assumir, repassar,
Quem sabe, como um evangelho de grande alegria
Desse encontro de gente que sonha,
Mas que aprendeu a dizer NÃO à tirania,

E SIM à dignidade da Terra,
Da Vida, dos Povos e da Solidariedade Maior.

Cremos no Futuro ancestral (A. Krenak)
Que parece sem força ou invisível.
Mas que vem como os cogumelos de Hiroxima (Tsing)
E nos captura num laço vivencial, de amor e fé,
Numa Aliança dos Invisíveis e Vulneráveis,
Aquele gente e aqueles seres que nos redimem,
Que nos inspiram, que nos convocam!

Roberto E. Zwetsch

*Desde o sul do Sul do Brasil,
Num dia de agosto de 2026.*